



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

AS COMPLEXAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA NARRATIVA DE AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA

CARDOSO, Fabiano (PPG-UEM) – pr_fabianoc@hotmail.com
COQUEIRO, Wilma dos Santos (PPG-UEM/FECILCAM) – wilmacoqueiro@ibest.com.br
LOURENÇO, Daiane da Silva (PPG-UEM) – dailourenco4@hotmail.com
MATIA, Kátia Caroline de (PPG-UEM) – katmat_19@hotmail.com

RESUMO: Com o advento da pós-modernidade, a noção de cânone torna-se cada vez mais frágil, uma vez que a literatura das minorias – como a negra, a feminina e a homossexual – sempre relegada à margem, começa a impor-se com obras de grande qualidade estética, nas quais questionamentos existenciais e posições ideológicas da contemporaneidade são representadas de forma contundente. Nesse sentido, a literatura de autoria feminina no Brasil, que tem como precursoras Rachel de Queiroz e Clarice Lispector, explode nos anos 70 e 80, trazendo em seu bojo a representação das questões de gênero e o questionamento sobre a construção da identidade feminina em meio ao dilaceramento do mundo pós-moderno. Colocando em cena protagonistas que ora se rebelam contra os valores vigentes, ora se acomodam à situação de opressão dos relacionamentos de gênero, essa literatura começa a questionar valores que até então eram indiscutíveis como o casamento, a família e o lugar da mulher na cena contemporânea. Desse modo, tendo como base os estudos teóricos da crítica feminista Elaine Showalter (1994), a análise da opressão vivenciada pelas mulheres de Pierre Bourdieu (2005), as considerações sobre a questão da identidade na contemporaneidade de Zygmunt Bauman (2004), além de obras que abordam as questões de gênero e o percurso da literatura de autoria feminina no Brasil (CAMPOS, 1992; CUNHA, 1999; ZOLIN, 2003), esse trabalho, que ora se propõe, tem como objetivo analisar as relações de gênero e a construção da identidade feminina em contos das autoras Clarice Lispector, Nérida Piñon, Sônia Coutinho e Adélia Prado.

Palavras-chave: Narrativa de autoria feminina. Contos. Relações de gênero.

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira de autoria feminina, que iniciou seu percurso em meados do século XIX, sempre esteve à margem do cânone literário, uma vez que apenas a partir dos anos 30 do século XX, algumas autoras excepcionais como Cecília Meireles na poesia e Rachel de Queiroz na prosa conseguem adentrar o reduto exclusivamente masculino e obter o reconhecimento da crítica.

The logo for VI EPCT features the text 'VI EPCT' in a large, bold, yellow serif font. To the left of the text is a pair of black-rimmed glasses with clear lenses. The background is a dark, textured surface with a yellow horizontal band behind the text.

VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

É por isso que Paixão (1997) argumenta que ao tratar da literatura produzida por mulheres no Brasil não se pode deixar de lado a discussão sobre o cânone literário brasileiro. Para Roberto Reis (1998), em se tratando do cânone literário não se pode negar o fato de que, numa dada circunstância histórica, indivíduos dotados de poder atribuíram estatuto literário a um texto, ou autor, em detrimento de outros, tornando-o canônico. Assim, ficam evidentes as noções de poder que subjazem a formação de um cânone literário.

Desse modo, embora para o crítico Harold Bloom (2001) as obras que figuram no cânone devam ser aquelas em que sobressaem os aspectos estéticos em detrimento dos ideológicos, considerando a arte como inútil por meio de um conceito extremamente elitista, os conturbados anos 60 viram emergir a crítica cultural, que além de historicizar obras de autores consagrados como Shakespeare e Machado de Assis, também tem como desafio resgatar as questões ideológicas implícitas no texto literário, sem minimizar seu valor estético.

A Crítica Cultural, pelo viés feminista, que se desenvolve na Europa e EUA na década de 60, chegando posteriormente ao Brasil, é denominada pelas críticas anglo-americanas de *Gynocritics*, devido ao fato de não ter um termo específico para denominar esse discurso que busca discutir o conceito de escrita feminina e o que a diferenciaria da escrita masculina. Para Elaine Showalter, a ginocrítica caracteriza-se, sobretudo por constituir-se como um “estudo da mulher como escritora, e seus tópicos são a história, os estilos, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres (...)” (1994, p. 29).

A partir dos estudos de Elaine Showalter, pesquisadoras brasileiras, como Elódia Xavier (1998), começam a estudar e a classificar a ampla produção narrativa de autoria feminina do Brasil. Para a estudiosa brasileira, baseando-se em um esquema proposto por Showalter sobre a literatura inglesa, a literatura brasileira passaria por três fases. A primeira fase, chamada de feminina, é marcada por uma imitação dos valores éticos e estéticos que norteavam a escrita masculina, tem como representantes Maria Firmino dos Reis, com *Úrsula* (1859), Júlia Lopes de Almeida com *A intrusa* (1908) e Carolina Nabuco com *A Sucessora* (1934). Nessas obras, a mulher sempre aparece de forma objetificada, ressaltando a dependência feminina ao elemento masculino. A segunda fase teria como início o ano de 1944, quando Clarice Lispector publica *Perto do Coração selvagem*. Na esteira dessa autora, viriam muitas outras, como Nélide Piñon, Sônia Coutinho e Adélia Prado. A partir dos anos 70, ocorre o *boom* da literatura de autoria feminina em prosa no Brasil com obras marcadas sobretudo pela atitude de rebeldia aos valores falocêntricos



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

vigentes. Já na terceira fase, pós anos 90, começam-se a diluir as questões relativas à construção de gênero e identidade feminina e as escritoras, como por exemplo, Patrícia Melo e Adélia Prado, começam a discutir em suas obras temáticas ligadas às questões existenciais do ser humano, como a erupção do sagrado ou aspectos sociais mais gerais.

Este trabalho apresenta como objetivo a análise de obras de quatro escritoras fundamentais da literatura de autoria feminina contemporânea, focalizando contos emblemáticos da representação da identidade feminina em Clarice Lispector, Nérida Piñon, Sônia Coutinho e Adélia Prado.

2. OS OBEDIENTES DE CLARICE: UMA DESOBEDIÊNCIA IDENTITÁRIA

A literatura está inscrita em um processo de desmascaramento do mundo epidérmico do senso comum. O sujeito na arte moderna não é reconhecido apenas tematicamente, mas, segundo Rosenfeld (1973), através da assimilação desta realidade à própria estrutura da obra de arte. O questionamento do estar no mundo do homem moderno é uma das fontes das transformações ocorridas nas artes. A modernidade é em si problemática. Nesse sentido, Bauman (2004) esclarece que num ambiente de vida, definida por ele de *líquido-moderno*, as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da ambivalência. Compreender a literatura brasileira de autoria feminina no contexto dessa modernidade líquida e das relações entre os sujeitos “trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura” (ZOLIN, 2009, p.218)

A obra de Clarice Lispector, nesse contexto, rompe as barreiras das “tecnologias de gênero”. Foucault (1993), afirma que a sexualidade é a colocação da prática sexual no âmbito do discurso e do poder. Ao pensar o gênero no viés foucaultiano a sexualidade é uma “tecnologia de gênero”, sendo um produto de diferentes tecnologias sociais, de práticas institucionalizadas na vida cotidiana. As narrativas de Clarice alegorizam uma pré-história reprimida do sujeito feminino. Num discurso que se movimenta fora da ideologia de gênero, desestabiliza a vigência de um sujeito uno, integrado e autônomo, para fazer surgir, em seu lugar, um sujeito feminino, múltiplo, em processo.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Como objeto de análise, optamos pelo conto “*Os obedientes*”, integrante de *Legião Estrangeira* (1964), a fim de compreendermos a configuração da identidade na narrativa de Lispector. Compreender a identidade é cometer “a imprudência de parar um instante a mais do que deveria, um pé afunda dentro e fica-se comprometido”.¹ Por meio de um *flashforward*, como “diante de um túmulo”, o narrador onisciente do conto questiona; “por onde anda o fato inicial? ele se tomou esta tarde.” O que seria esse fato?

Em “*Os obedientes*”, Lispector conta a história de um casal *adaptado* à vida em comunidade, “como num clube de pessoas”, sintonizado com todos os deveres exigidos pela civilização e que, de um momento para o outro, começam a tentar viver mais intensamente. “À procura do destino que nos precede? e ao qual o instinto quer nos levar? instinto?!”. O instinto aqui é um construto social, a consequência de um trabalho histórico de diferenciação de gêneros e de ambivalência identitária. Bourdieu (2005) afirma que estamos incluídos, como homem ou mulher, “incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas de ordem masculina” (BOURDIEU, 2005, p.13).

Já de início, o conto sugere que viver intensamente seria curvar-se às forças dos instintos, e, conseqüentemente, opor-se às regras às quais estavam habituados. O casal, no conto, passa por um processo de desmontagem de suas relações com as convenções, rumo a campos de experiência interior em que se inserem. Porém, ao tentarem esboçar reação à vida já repleta de regras, demonstram profunda dificuldade, como se algo os impedisse de romper com a série de atitudes ‘corretas’, de obediência, sob a égide das quais viviam.

Nunca foram compensadas as repressões às quais o casal foi submetido. “Era uma vida de sonho”, a fuga da estrutura patriarcal, do fato de estarem casados, que permitia o sonho instintivo. A mulher, “provocada exclusivamente pelo fato de ser mulher”, pensa que outro homem a salvaria, e, portanto depende da beleza. Já o homem, cheio de fatos, as aventuras amorosas o salvaria. Ambos “servindo de sacrifício para o outro”. Até o fato inicial “suspenso na poeira ensolarada deste domingo” revelar-se:

Assim, chegamos ao dia em que, há muito tragada pelo sonho, a mulher, tendo dado uma mordida numa maçã, sentiu quebrar-se um dente da frente. Com a maçã ainda na mão e olhando-se perto demais no espelho do banheiro – e deste modo perdendo de todo a perspectiva – viu uma cara pálida, de meia-idade, com um dente quebrado, e os próprios olhos... tocando fundo, e com a água já pelo pescoço, com cinquenta e tantos

¹ As citações não referenciadas nesta seção do texto são do conto *Os obedientes*. In: LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. São Paulo: Editora do Autor, 1964.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

anos, sem um bilhete, em vez de ir ao dentista, jogou-se pela janela do apartamento (LISPECTOR, 1964, p. 105).

Aqui, retomando o fato inicial, a referência à maçã não é fortuita. A referência ao Pecado Original é em si o fato original que compromete toda a humanidade, é a desobediência reveladora da opressão entre a dominação masculina e a submissão feminina. A desobediência, que ocorria em sonho, materializa-se.

Ser mulher, diante da impossibilidade do sonho tirada com a perda do dente, revela no espelho um reconhecimento fundante. Para Lacan (1998) a “identidade” é uma ilusão, criada à custa de enormes sacrifícios psíquicos. “Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno (...) é a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1998). O espelho revela a identidade da mulher representada. De acordo com Lauretis (1994), quando se assinala o F no formulário, a mulher ingressa no sistema sexo-gênero, nas relações sociais de gênero, assim é ‘engendrada’ como mulher, isto é, não são apenas os outros que consideram as mulheres do sexo feminino, mas as mulheres passam a ser representadas como mulheres (LAURETIS, 1994, p.220).

A representação de mulher não foi mais possível a partir do momento em que a esposa se vê no espelho em que não pode mais se representar como a mulher que a engendrava como “ser um igual”. A imagem assumida não cabe a sua representação de mulher enquanto esposa ou mulher que busca salvação em outro homem.

O marido, “sem água que o afogasse”, não consegue mais representar o “eterno masculino”. Pois, para Bourdieu (2005, p. 64), o privilégio masculino encontra sua contrapartida “na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. (...) A virilidade (...) é, acima de tudo, uma carga”.

Não há mais a carga de sua representação, anda como “se usasse bengala. (...) perplexo e sem perigo sobre o fundo com uma lepeidez de quem vai cair de braços mais adiante.” Na prática atual, para Bauman (2004), a “humanidade” é somente uma das inumeráveis identidades presentemente engajadas numa guerra de atrito mútuo. Atrito que a produção de Clarice nos compromete.

3. AS MULHERES DE NÉLIDA PIÑON



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Nélida Piñon tem publicado desde 1961 obras de grande qualidade literária, dentre romances e coletâneas de contos. Rotulada pela crítica diversas vezes por utilizar uma linguagem considerada difícil, Nélida Piñon subverte a linguagem padrão, tem estilo próprio de escrever. A escritora rejeita, severamente, a distinção homem/mulher e a afirmação da existência de uma literatura feminina, já que não existe literatura masculina. Sempre procura, durante entrevistas, expressar-se a respeito da mulher na sociedade contemporânea e enfatizar sua luta por mais espaço, principalmente na escrita literária. A emancipação da mulher parece permear todos os seus textos.

A fim de estudar como ocorre a representação feminina na narrativa de Nélida Piñon, escolhemos o conto “I love my husband”, publicado em *O calor das coisas* (1980). O conto é narrado em primeira pessoa por uma esposa educada em um contexto moralizador e patriarcal. A narradora demonstra a conformidade diante da situação de mulher que vive para servir ao marido, afirma constantemente ao leitor e a si mesma “Eu amo meu marido” e descreve as atividades diárias que realiza a fim de contribuir para a felicidade de seu companheiro. Tudo para ser saudada como a pessoa que alimenta “um homem que faz o país progredir” e ser acusada de exigente pelo marido, pois reclama da vida, sendo que só fica em casa “lavando louça” e “fazendo compras”.

No início da narrativa, percebemos que há a aceitação da opressão, o que torna a mulher cúmplice de sua escravização (BEAUVOIR, 1986) e objeto em um relacionamento. Esta atitude, para Campos (1992), está relacionada à “naturalização” de papéis sociais do homem e da mulher, que ocorreu hierarquicamente, como se fosse senso comum, sendo que por trás há o ato de dominação. A própria narradora afirma sua objetificação: “sou a sombra do homem que todos dizem eu amar”, “proclama que não faço outra coisa senão consumir o dinheiro que ele arrecada”, “eu não podia pertencer-me”. Tais afirmações demonstram um sentimento de revolta diante do papel submisso de esposa, de não-conformismo com o binômio homem/mulher, sujeito/objeto. A sua fala como esposa é uma reprodução da ideologia patriarcal construída socialmente.

A narradora parece experienciar um momento de epifania quando percebe não ser dona do próprio corpo e decide abandonar as menções ao passado e discutir a respeito do futuro, que “só ele tinha o direito de construir”:



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Falei da palavra futuro com cautela, não queria feri-lo, mas já não mais desistia de uma aventura africana recém-iniciada naquele momento. Seguida por um cortejo untado de suor e ansiedade, eu abatia os javalis, mergulhava meus caninos nas suas jugulares aquecidas, enquanto Clark Gable, atraído pelo meu cheiro e do animal em convulsão ia pedindo de joelhos o meu amor. (...) A pele ardente, o delírio, e as palavras que manchavam os meus lábios pela primeira vez, eu ruborizada de prazer e pudor, (...) eu deixava então o Clark Gable amarrado numa árvore, lentamente comido pelas formigas. Imitando a Nayoka, eu descia o rio que quase me assaltara as forças, evitando as quedas d'água, aos gritos proclamando liberdade, a mais antiga e miríade das heranças (PINON, 1989, p. 56).

O questionamento da própria identidade é inevitável ao “enxergar” a subjugação sofrida por tantos anos: o marido tem o direito de “atar minhas mãos”? tudo porque estou presa à “minha condição de mulher”? Bauman (2005) afirma que só nos questionamos sobre nossa identidade quando a perdemos, contudo temos que ter consciência de que a identidade é algo a ser inventado e não descoberto. O mesmo ocorre com a narradora, ao perder sua identidade de mulher/esposa/dona-de-casa, procura encontrar-se novamente enquanto mulher, agora como sujeito. O marido, no entanto, a desconforta: “o que significa este repúdio a um ninho de amor, segurança, tranquilidade, enfim a nossa maravilhosa paz conjugal?”. O anseio por segurança, aspiração de quem está em busca de uma identidade (BAUMAN, 2005), a faz retornar a uma posição resignada: “recriminei meu egoísmo”.

O discurso irônico perpassa toda a narrativa, e a narradora demonstra consciência da opressão por meio da ironia, mas não consegue desvencilhar-se da ideologia patriarcal. Principalmente por ter sido educada assim pelo pai e também pela mãe. A família é representada no conto como instituição que contribui para a perpetuação da dominação masculina, tal como a afirmação de Bourdieu (2005, p. 103): “É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão social do trabalho e da representação legítima dessa divisão”. A figura feminina da mãe reduplica o patriarcalismo e induz a filha a fazer o mesmo por meio de um discurso no qual a mulher só é mulher a partir do olhar masculino.

Neste momento da narrativa, o marido toma o papel de dominador, enquanto a mulher reassume seu papel à margem: “ele aceitou que eu me redimisse”. A narradora passa por três momentos: submissão, epifania, resignação, contudo neste último momento a personagem mantém um conflito interno de identidades: a mulher-objeto e a mulher-sujeito: “Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

meu, (...). Felizmente, é uma sensação fugaz, logo busco o socorro das calçadas familiares, nelas a minha vida está estampada”.

O conflito de identidades segue até o fim da narrativa, com a personagem tentando aceitar sua situação de submissão, repetindo a si mesma “eu amo meu marido”. Para Zolin (2003) o conto é permeado por um ambíguo e interessante jogo de opostos que contempla, de um lado, o inconformismo, a rebeldia, a mulher-sujeito; e de outro, a linguagem do senso-comum, a mulher-objeto, sendo que o último aspecto parece prevalecer.

A narrativa demonstra que o homem ainda tem privilégios na sociedade por não haver um choque entre sua “vocação de ser humano” e seu “destino de macho”, em contrapartida a mulher vive dividida entre essa mesma vocação e seu “destino de mulher” (ZOLIN, 2009, p. 224). As mulheres de Nélida Piñon são exemplos de mulher/mãe/esposa em busca de sua própria identidade.

4. SONIA COUTINHO E SUAS HELENAS EM BUSCA DO ESPELHO

Para Nelly Novaes Coelho (In CUNHA, 1990, p. 11), “em todos os continentes, da América à Ásia, a crescente produção literária revela um discurso em crise que tem origem nas profundas mudanças estruturais no mundo”. Com efeito, a cultura contraditória e fragmentada da pós-modernidade contesta, de forma contundente, a ideia de um sujeito unificado e coerente, gerando esse discurso em crise que manifesta-se numa escrita densa e confusa que procura dar voz às mulheres em sua busca por identidade.

Seguindo os passos de Clarice Lispector, os anos 70 e 80 marcam o *boom* da literatura de autoria feminina no Brasil com o desenvolvimento de uma literatura ficcional que começa a discutir valores em relação ao papel da mulher até então indiscutíveis. Nesse sentido, a obra de Sônia Coutinho “tematiza problemas cruciais de nosso tempo” (Viana, 1989, p. 15). Entre esses problemas, pode-se observar a crise de identidade, o desamparo e o sentimento de culpa dessa mulher contemporânea, independente e emancipada financeiramente, mas que não conseguiu ainda a independência emocional. Dessa forma, o conto “O último verão em Copacabana”, que integra a coletânea homônima, publicada em 1985, por Sônia Coutinho, é protagonizado por Helena que é representada pelo ponto de vista masculino do ex-marido, Emanuel, que, após o suicídio da ex-mulher, busca



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

amalgamar fragmentos de momentos fugazes de sua trajetória na vã tentativa de compor-lhe uma história.

Em sintonia com a ficção contemporânea na qual há uma ampla reciclagem dos gêneros culturais massivos, a autora trabalha com a inserção de outros textos no interior da narrativa como o texto dramático, dispondo os fragmentos da trajetória de Helena por meio de recortes de cenas organizadas de acordo com a perspectiva do narrador masculino, o qual nas primeiras palavras já antecipa ao leitor a dimensão trágica da história de Helena: “Inventar Helena, a sua história. Não propriamente uma história, trama nenhuma. Uma sensação talvez. De perplexidade? Insatisfação? Solidão?” (COUTINHO, 2004, p. 40).

Desse modo, na primeira cena, quando “acendem-se os holofotes e lentamente a cena se ilumina”, é apresentado o romance de Helena com um homem casado, Sebastião. Também são enfatizados as amargas carências e traumas infantis da protagonista, uma mulher de 30 anos, ex-jornalista e, nos últimos tempos, publicitária, culta, bonita, inteligente. Como muitas outras personagens de Sônia Coutinho, Helena veio de uma cidade do interior, venceu na vida conseguindo uma bem sucedida profissão, mora em Copacabana, fez viagens à Europa, casou-se e separou-se, teve muitos casos efêmeros. Dessa forma, como toda uma geração de mulheres dos anos 80 que vivenciaram o processo radical de luta contra os valores estabelecidos, Helena experimenta de forma trágica a busca da construção de sua identidade.

Assim, como em quase todos os outros contos da autora, a figura do D. Klaus, psicanalista, aparece como forma de reiterar o sentimento de angústia que marca a condição feminina na contemporaneidade: “Sabe, Dr. Klaus – diz Helena ao psicanalista –, tempos atrás eu achava que era capaz de qualquer coisa. (...) Agora sei que não passo de Helena da Silva, divorciada, 39 anos, morando sozinha, trabalhando para me sustentar. Com um passado, rotulada” (COUTINHO, 2004, p. 43).

Na sua última sessão de análise, Helena reitera a ideia de abandono e solidão, ao lamentar com o psicanalista que “queria afeto, queria ternura, mas meus relacionamentos jamais deram certo” (COUTINHO, 2004, p. 51). A resposta do psicanalista é ainda mais perturbadora quando declara que “é tudo absurdo”. Nesse sentido, Bauman analisa essa fugacidade dos relacionamentos contemporâneos no seu livro com o sugestivo título de *Amor líquido*, como pertencentes a uma época de extrema individualização, na qual de diluem as relações para poder consumi-las:



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial (BAUMAN, 2004, p.8-9).

Nesse sentido, a presença do psicanalista, marcante nos contos da coletânea, assim como em obras de outras autoras dessa fase como Helena Parente Cunha e Márcia Denser, mostra as várias facetas dessa mulher que tem se descoberto na insatisfação, na busca e na dor. Dessa forma, o conto traz a tona os conflitos de uma mulher de identidade fragmentada, que perdeu-se dos antigos valores, não encontrando novos pontos de apoio. Helena não se sente preparada para lidar com as conquistas femininas pós anos 60. Para Kauss (1999), “a emancipação sexual feminina traz consigo muitas outras mudanças, algumas vezes tão radicais que as mulheres não se encontram preparadas para vivenciá-las, sentindo-se desorientadas, sem saber ao certo, o que fazer com toda aquela conquista” (p. 102). Embora no conto, a protagonista vivencie relações sexuais com vários homens, inclusive com o ex-marido, ela sente-se cada vez mais insatisfeita e frustrada: “Na sala com decoração masculina, algo ascética, do apartamento do Emanuel, os dois se levantam do sofá e se abraçam, ela corresponde. Mas, na cama, alguma coisa torna a falhar” (COUTINHO, 2004, p. 45).

Desse modo, o conto analisado mostra as conflituosas relações de gênero na sociedade contemporânea, a qual tem sido muito discutida pela crítica feminista recente, uma vez que integra o universo ficcional das obras de diversas escritoras. As contradições nas relações vividas pela protagonista parecem fazer parte da cada vez mais caótica e paradoxal cena da pós-modernidade ou época “líquido-moderna, na concepção de Bauman.

A morte anunciada da protagonista, desde o início do conto, ao ingerir os barbitúricos guardados no banheiro após a dolorosa constatação de que “o projeto falhou” remete ainda a essa desesperada busca por identidade. Nesse sentido, a imagem do espelho, bastante recorrente na literatura de autoria feminina, aponta para a duplicidade de perspectiva do feminino na contemporaneidade: “Estática, em me observo no espelho. Eu, Helena. Ela, Helena. A outra” (COUTINHO, 2004, p. 53).

Helena, por ser uma mulher independente economicamente e liberada sexualmente, tudo levaria a crer que estaria livre do jugo social. Contudo, não é isso que se observa já que ela não consegue desvencilhar-se da carência emocional que a atinge irremediavelmente, desvelando uma cruel faceta da emancipação feminina que trouxe



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

independência financeira às mulheres, mas também despreparo para lidar com esse mundo patriarcal decadente, no qual todas as instituições, que nortearam por séculos os padrões de comportamento masculino e feminino, encontravam-se em ruínas.

Desse modo, a literatura de Sônia Coutinho representa o desamparo e angústia que caracterizam essa mulher urbana, de classe média e nível cultural superior dos anos 80 e os seus percalços na busca por afeto, realização emocional e identidade.

5. A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTO *ANÁLISES* DE ADÉLIA PRADO.

No conto “Análises”, publicado por Adélia Prado, na coletânea *Filandras* (2001), a narradora, cujo nome não é citado, faz uma análise da história de sua sogra Diolinda. Para ela, Diolinda nunca estava satisfeita com nada e vivia sempre reclamando do marido. Isso faz com que a mesma diga que “as mulheres precisam de limites”.

A narradora sempre coloca as mulheres num patamar de inferioridade diante da figura masculina do marido: “devia ter batido nela, ou a porta, gritado, sei lá”. Vemos que seu pensamento é de uma mulher submissa, completamente dominada pelo homem. A própria já passou pelas ameaças de seu marido e aparentemente o obedece sem reclamar: “Teodoro já me fez desaparecer de medo dele uma vez, uma não, duas. A bem da verdade, três. E chega, não quero saber de outra. Foi surra não, a comparação que me vem é como se um leão estivesse comendo (...), só o rosnado me deixou sem fala! Sorte a minha” (PRADO, 2008, p.64)

A exposição da narradora sobre sua convivência com a família e o marido, demonstra como ela vivia reprimida dentro da sua própria casa. Identificamos, também, que considera os procedimentos de sua sogra intoleráveis. Mas visivelmente seu sogro comporta-se pacientemente e não reprime as atitudes “subversivas” da sua mulher: “Mulher, mansa ou brava, quer marido firme”.

A narradora vive sob jugo patriarcal de seu marido. Ela é passiva. Para ela, as atitudes do marido são corretas, ela precisa obedecê-lo, pois, ele é o homem da casa. Não questiona sua posição dentro da família, servil e obediente, sente-se apenas como uma pessoa que está à disposição dos caprichos de Teodoro.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Dentro da trama a narradora aparece sem uma designação do nome próprio. E, em uma rápida leitura do conto, percebemos que todos os outros personagens têm nome próprio: seu esposo Teodoro, seu sogro João Jeremias e sua sogra Diolinda. A razão para tanto possivelmente é o fato de a narradora representar qualquer mulher-objetificada.

Já Diolinda, ao contrário, vivia em briga com seu marido, o qual, em muitas ocasiões, “pegava no braço dela com aquela mão enorme, levava até a porta da rua e falava: escuta Nairinha, obrigada você não fica comigo não. Você é livre”. E que ainda ele: “tinha um prego onde pendurava a correia”. Diante disso, a narradora passa a acreditar que o sogro, na verdade, repreendia a sogra secretamente.

Fica muito claro no conto “Análises” a identidade tradicional da família da narradora, segundo Bauman (2004), uma das instituições perpetuadoras do patriarcalismo, juntamente com a Igreja e o Estado. A identidade da narradora identifica-se com o modelo patriarcal: mulher obediente e submissa, não apresenta nenhum questionamento a respeito de sua situação. Ao contrário da afirmação de Bauman (2004), de que “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p. 33), a narradora se atém à identidade antiga do modelo patriarcal como símbolo de segurança.

No mundo contemporâneo, atitudes de dependência exacerbada, como da narradora, fogem ao modelo do “ser” livre de nossos dias. Assim como a protagonista do conto “I Love my husband”, de Nélide Piñon, a narradora constrói um mundo que é só dela, um mundo no qual seu marido é o centro da sua vida. E suas reflexões sobre a sua sogra demonstram que sua identidade é formada dentro do preconceito de que as mulheres devem enquadrar-se no arquétipo da “mulher como rainha do lar”.

Embora atitudes como as da narradora estejam em desuso em nossos dias, muitas famílias ainda adotam este modelo na convivência diária. Mulheres com atitudes que refletem a tradição patriarcal podem ser encontradas nos grandes centros urbanos e principalmente nas pequenas cidades do interior brasileiro. Talvez Adélia Prado tenha mostrado neste conto que as identidades femininas têm sido construídas por ensinamentos ultrapassados e que precisa ser feita alguma coisa para que isto não aconteça em nossos dias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Os anos 70 e 80 marcaram uma fase importantíssima na literatura brasileira para as escritoras, pois deu início a discussões mais complexas sobre o papel da mulher. A literatura de autoria feminina, até então presa a estética masculina, liberta-se e passa a questionar sobre a construção da identidade da mulher na sociedade, por meio de protagonistas representadas ironicamente como submissas e oprimidas ou como mulheres que se rebelaram contra os valores vigentes. O questionamento de valores sociais, antes indiscutíveis, como o casamento, a família, a posição da mulher, são o foco de romances e contos de escritoras.

As relações de gênero deixam de ser “naturalmente” vistas como homem-sujeito/mulher-objeto, na narrativa contemporânea brasileira são mais complexas, tais como os contos analisados nos mostram. Em “Análises, de Adélia Prado, a submissão da narradora é marcada por sua revolta diante das atitudes de rebeldia da sogra Diolinda em relação ao marido. Durante toda a narrativa, sua objetificação é reforçada. Já em “I Love my husband”, de Nélide Piñon, a narradora, também oprimida, tem momentos de epifania, nos quais deseja executar ações que vão contra os valores patriarcais apreendidos quando criança, contudo, seu medo de perder sua identidade “segura” como esposa/dona-de-casa, tenta abafar tais desejos dentro de si. A protagonista de “Os obedientes”, de Clarice Lispector, sente-se satisfeita com sua posição e a virilidade de seu companheiro, pois entende que com sua beleza feminina tem sempre a ajuda masculina para enfrentar as dificuldades, no entanto, no momento em que percebe que tal beleza se fora, que não tem mais a identidade que sempre desejara, busca a morte, pois não entende como conseguirá viver tendo outra identidade. A fragmentação da identidade também aparece em “O último verão em Copacabana”, de Márcia Denser. A personagem Helena é uma mulher que, diferente das protagonistas antes citadas, é financeiramente independente e sua vida sexual não segue os valores sociais sugeridos como “adequados”. Apesar disso, demonstra angústia ao psicanalista, pois devido à constante carência emocional não consegue encontrar sua identidade como mulher.

As narrativas de autoria feminina discutidas neste artigo representam a angústia de personagens em busca de uma identidade própria, livre da oposição homem/mulher, procurando a possibilidade de ver a feminilidade sem diferenciá-la da masculinidade. As personagens representadas demonstram como a mulher do século XXI ainda vive dividida entre a “vocação de ser humano” e o “destino de mulher”: uma identidade fragmentada.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**. trad. Carlos Alberto Medeiros): Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BLOOM, Harold. "Uma elegia para o cânone" In: **O cânone ocidental**. Os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras de crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 111-125.

COELHO, Nelly Novaes. "O desafio ao Cânone: consciência histórica versus discurso em crise". In: CUNHA, Helena Parente. **Desafiando o cânone: Aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

COUTINHO, Sônia. **O último verão em Copacabana**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

DUARTE, Constância Lima. "A Literatura de Autoria Feminina no Modernismo dos anos 30". In: ZOLIN, Lúcia Osana & GOMES, Carlos Magno (Orgs.). **Deslocamentos da escritora brasileira**. Maringá: Eduem, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 11. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

KAUSS, Vera Lúcia Teixeira. "A transgressão na construção da identidade feminina: Leitura de *Diana Caçadora*, de Márcia Denser". In: CUNHA, Helena Parente. **Desafiando o cânone: Aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: J. Lacan, Escritos. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

LAURETIS, Teresa. "Tecnologia do gênero". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. São Paulo: Editora do Autor, 1964.

PAIXÃO, Sylvia. **A Literatura Brasileira e o cânone**. In: RESENDE, Beatriz (org.) Revista Tempo Brasileiro: As aporias do cânone. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, n. 129. Abril-junho de 1997.

PRADO, Adélia. "Análises". In: **Filandras**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PIÑON, Néida. I love my husband. In: _____. **O calor das coisas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

REIS, Roberto. "Canon" In: JOBIN, José Luís. **Palavras de crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

ROSENFELD, Anatol. **Reflexões sobre o romance moderno: Texto e contexto**, vol.I. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

SHOWALTER, Elaine. "A crítica feminina no território selvagem". In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Tendências e impasses. O feminino como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

XAVIER, Elódia. **Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória**. Rev. Mulher e Liter., Rio de Janeiro: 1998. Disponível em: <http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>. Acesso em: 27 abr. 2011.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Desconstruindo a opressão: a imagem feminina em República dos Sonhos de Néida Piñon**. Maringá: Eduem, 2003.